

## B de Beber

do *Abecedário* de Gilles Deleuze<sup>1</sup>

Tradução de André Martins<sup>2</sup>

Claire Parnet: Vamos passar para o B. Então, B é um pouco particular, é sobre a bebida. Você bebeu e depois parou de beber. Eu gostaria de saber quando você bebia, o que era beber? Era prazer, era o quê?

Gilles Deleuze: Bebi muito, bebi muito. Parei, bebi muito... O que era? Não é difícil, eu creio que seria preciso perguntar às pessoas que beberam muito, perguntar aos alcoólicos. Acho que beber é uma questão de quantidade, por isso não há equivalente com a comida. Há gulosos, há pessoas... comer sempre me enojou, não é para mim, mas a bebida é uma questão... Entendo que não se bebe qualquer coisa. Cada um que bebe tem sua bebida favorita, mas é nesse contexto que se insere a quantidade. Trata-se de uma questão de quantidade – isso quer dizer o quê? Zomba-se muito dos drogados, ou dos alcoólicos, porque eles não param de dizer: “Eu controlo, paro de beber quando quiser”. Zomba-se deles, mas é porque não se entende o que eles querem dizer. Tenho lembranças bem nítidas. Eu via bem isso e acho que todo mundo que bebe compreende isso. Quando se bebe, aquilo a que se quer chegar é o último copo. Beber é, ao pé da letra, fazer tudo para chegar ao último copo. É isso que lhe interessa.

CP: É sempre o limite?

GD: Se é o limite? É complicado. Em outros termos, um alcoólatra é alguém que está sempre parando de beber, quero dizer, que está sempre no último copo. O que isto quer dizer? É um pouco como a fórmula de Péguy, que é tão bela: “não é a última ninféia que repete a primeira, é a primeira ninféia que repete todas as outras e a última”. Pois bem, o primeiro copo repete o último, é o último que conta. O que quer dizer o último copo para um alcoólico? Ele se levanta de manhã, se for um alcoólico da manhã, há de todos os gêneros, se for um alcoólico da manhã, ele tende o tempo todo para o momento em que chegará ao último copo. Não é o primeiro, o segundo, o terceiro que lhe interessa, é muito mais, um alcoólico é malandro, astuto. O último copo quer dizer o seguinte: ele avalia, há uma avaliação, ele avalia o que pode agüentar, sem desabar... Ele avalia. Varia muito para cada um, para cada pessoa. Avalia, portanto, o último copo, e todos os outros serão a sua maneira de passar, e de atingir esse último. E o que quer dizer o último? Quer dizer: ele não suporta beber mais naquele dia. É o último que lhe permitirá

---

<sup>1</sup> O *Abecedário* de Gilles Deleuze é um documentário francês em vídeo, gravado em 1988, no qual Claire Parnet, ex-aluna e desde então amiga de Deleuze, o entrevista, difundido pela primeira vez no canal francês de televisão Arte em 1995. A entrevista foi dividida em 8 episódios, abarcando ao todo as 25 letras do alfabeto, sendo que para cada uma Parnet propõe uma palavra como tema, para que, de improviso, Deleuze comente. Deleuze faleceu antes do final da difusão dos episódios.

<sup>2</sup> Professor de Filosofia da UFRJ. E-mail: andre.marrins.vilar66@gmail.com.

recomeçar no dia seguinte, porque, se ele for até o último que excede seu poder, é o último em seu poder, se ele vai além do último em seu poder para chegar ao último que excede seu poder, ele desmorona, e está ferrado, vai para o hospital, ou tem de mudar de hábito, de agenciamento. De modo que, quando ele diz: o último copo, não é o último, é o anterior ao último, ele está à procura do anterior ao último. Ele não procura o último copo, procura o anterior ao último. Em outros termos, há uma palavra maravilhosa para dizer “o anterior ao último”, creio, que é “o penúltimo”.

CP: O derradeiro...

GD: Não o derradeiro! Pois o derradeiro o poria fora de seu arranjo. E o penúltimo é o último antes do recomeço no dia seguinte. O que posso dizer do alcóolico é que é aquele que não pára de dizer: “Vamos!” – É o que se ouve nos bares, é tão alegre a companhia de alcóolicos nos bares, a gente não se cansa de escutá-los; é aquele que diz: “Vamos, é o último!”, e o último varia para cada um. E o último é o anterior ao último.

CP: É também quem diz: amanhã paro.

GD: Amanhã eu paro? Não, ele não diz “amanhã eu paro?” Ele diz: eu paro hoje para poder recomeçar amanhã.

CP: Então, já que beber é parar o tempo todo de beber, como se pára totalmente de beber, já que você parou totalmente de beber?

GD: É muito perigoso, é muito perigoso, me parece que acontece rápido. Michaux disse tudo, os problemas de droga e os problemas de álcool não estão tão separados. Michaux disse tudo sobre isso. Há um momento em que isso se torna perigoso demais, porque, aí também é uma aresta, como quando eu dizia: a aresta entre a linguagem e o silêncio, ou a linguagem e a animalidade, é uma aresta, é um maciço estreito. Tudo bem beber, se drogar, pode-se fazer tudo o que se quer, se isso não o impede de trabalhar. Se for um excitante, é normal oferecer algo de seu corpo em sacrifício. Há um lado bem sacrificial nessas atitudes, de bebida, de drogas. Oferece-se o corpo em sacrifício, por quê? Sem dúvida porque há algo forte demais, que não se poderia suportar sem o álcool. A questão não é suportar o álcool; é o que se acredita ver, o que se acredita experimentar, o que se acredita pensar, que faz com que se sinta a necessidade; para poder suportá-lo, para poder controlá-lo, é que se precisa de uma ajuda, álcool, drogas, etc.

[O produtor Pierre-André Boutang troca a fita VHS de filmagem, bate palma para o recomeço, e diz: “Segundo plano”.]

GD: Então, a fronteira é muito simples. Eis que beber, se drogar, tudo isso parece quase tornar possível algo demasiadamente forte, mesmo se se deve pagar por isso depois, sabe-se muito bem, mas em todo caso, está associado a isto: trabalhar, trabalhar. E depois, é evidente que quando tudo se inverte, e que beber impede de trabalhar, e a droga se torna uma maneira de não trabalhar, é o perigo absoluto, não tem mais nenhum interesse, e, ao mesmo tempo, percebe-se, cada vez mais, que quando se pensava que o

álcool era necessário ou a droga era necessária, eles não eram de modo algum necessários. Talvez seja preciso passar por isso, para se dar conta que tudo o que se acreditou fazer graças a ela ou graça ao álcool, podia-se fazer sem eles. Então eu admiro muito a maneira como Michaux diz: não, é um vício, tudo isso é... e ele pára. Eu tenho menos mérito, porque parei de beber por razões de respiração, de saúde, etc., mas é evidente que é preciso parar, é preciso abrir mão disso. A única pequena justificação possível é se isso ajuda o trabalho. Mesmo se se deve pagar fisicamente depois. Mas, além do mais, quanto mais se avança, mais se diz que isso não ajuda o trabalho, então...

CP: Num certo sentido, como Michaux, é preciso ter se drogado muito, bebido muito, para poder abrir mão, em um estado assim.

GD: Sim, é verdade...

CP: Por outro lado, você diz: quando se bebe, é preciso que não impeça o trabalho, mas é que se vislumbrou algo que a bebida ajudava a suportar. E esse algo não é a vida. Aí há, evidentemente, a questão dos escritores de que você gosta tanto.

GD: Sim, é a vida.

CP: É a vida?

GD: É algo demasiadamente forte na vida. Não é de jeito nenhum algo aterrorizante, é algo forte demais, algo demasiadamente potente na vida. Acredita-se, de modo um pouco idiota, que beber vai colocá-lo no nível desse algo mais potente. Se pensar em toda a linhagem dos grandes americanos...

CP: De Fitzgerald a...

GD: Fitzgerald... Um dos que mais admiro é Thomas Wolfe. Trata-se de uma série de alcoólicos, ao mesmo tempo que é isso o que lhes permite, sem dúvida os ajuda a perceber algo grande demais para eles.

CP: Sim, mas é também porque eles perceberam algo da potência da vida, que nem todo mundo pode perceber, porque sentiram algo da potência da vida.

GD: É isso, é isso, evidentemente. Mas não é o álcool, de todo modo, que os faz sentir...

CP: ...que havia uma potência da vida forte demais para eles, e que só eles podiam perceber.

GD: Sim... Estou inteiramente de acordo.

CP: E Lowry igualmente...

GD: Estou inteiramente de acordo, claro. Eles fizeram uma obra e o que foi o álcool para eles? Eles se arriscaram, se arriscaram porque pensaram, com ou sem razão, que isso os ajudava. Eu tive o sentimento de que isso me ajudava a fazer conceitos, é bizarro, a fazer conceitos filosóficos. Sim, porque isso me ajudava. Depois percebi que

não ajudava mais, que me punha em perigo, ou que eu não tinha mais vontade de trabalhar se eu tivesse bebido. Nesse momento renunciar, é muito simples.

CP: Trata-se mais de uma tradição americana, porque não se sabe de muitos escritores franceses que confessam sua inclinação pelo álcool. Além disso, há algo que faz parte da escrita...

GD: Sim, mas... Os escritores franceses não têm a mesma visão de escrita. Não sei se fui tão marcado pelos americanos, é uma questão de visão, de vidências, aqui considera-se que a filosofia, a escrita, é uma questão, muito... De maneira modesta, ver algo que os outros não vêem, não é esta, de modo algum, a concepção francesa da literatura... Mas note, há muitos alcoólicos também na França.

CP: Mas eles param de escrever, os alcoólicos na França. Têm muita dificuldade, os que se conhece. Não se sabe tampouco de muitos filósofos que confessaram sua inclinação pela bebida.

GD: Verlaine morava na rua Nollet, aqui ao lado.

CP: Sim, se excetuamos Rimbaud e Verlaine.

GD: Aperta o coração, pois quando pego a rua Nollet, digo: era este sem dúvida o percurso de Verlaine para ir ao bar beber seu absinto. Ao que parece morou em um apartamento penível.

CP: Isso sim, os poetas sim, os poetas e o álcool, conhece-se melhor.

GD: Um dos maiores poetas franceses, que se arrastava pela rua Nollet. Uma maravilha.

CP: Pelos amigos?

GD: [risos] Nenhuma dúvida.

CP: Enfim, os poetas, sabemos que houve mais etílicos. Bem, terminamos com o álcool.

GD: Terminamos B, como vamos rápido!

CP: Vamos passar ao C. O C é vasto.

*Recebido em 23/02/2023*

*Aprovado em 29/04/2023*